

ITA

xonado pela

las responsabilidades, mas sair da música nunca.

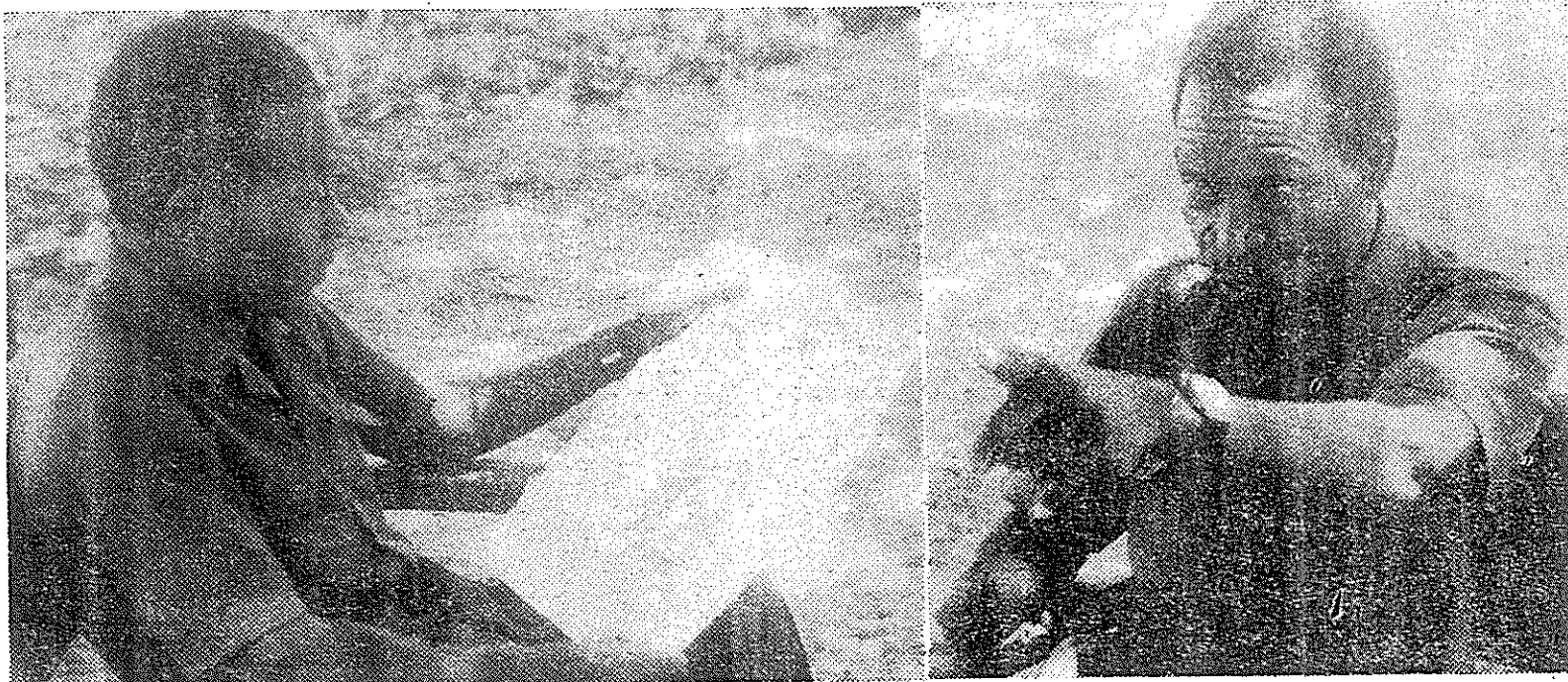
E continua: Foi por isso que me decidi voltar e logo ir fazer gravações das músicas que se ouvem agora e parece que o público está a aplaudir. Pensava que, depois de dez anos de ausência, o público ia reagir muito mal, mas não, recebeu-me excelentemente. Agora estou a preparar-me para gravar um «Long Play», a convite do Fonseca, da RM.

A conversa decorre animadamente, mas descubro que a hora do almoço já vai longe. Peço-lhe que interrompamos, para irmos almoçar. Aceita e leva-nos de viatura para o restaurante. Só que a entrevista não está interrompida, o que está interrompido é eu registar as palavras dele. No carro, continua a falar da vida dele, da sua experiência e da marrabenta.

Quarenta minutos depois, ele já esperava por nós para prosseguirmos a entrevista. De novo em casa dele, nas frescas sombras onde estamos. E estamos frente a frente com Dilon Ndjindji.

CANTAR É FALAR COM O POVO

O nosso entrevistado não esoe.



ra por uma pergunta, como aconteceu ao princípio e diz: Uma das coisas que me fez deixar o palco foi ver que o movimento artístico estava a desaparecer, as casas que a'ugavam as aparelhagens desapareciam e as discotecas também e submeter-me a esses empresários aí... muitos deles têm dívidas com os músicos. Eu próprio tenho alguns que me devem como o Matcho e o Augusto Maringa... por isso já não me interessa ir a Maputo. Agora muitos artistas só cantam para ter nome, não que se'am pagos.

Dilon Ndjindji, ao cantar, diz ele, está a falar com o povo, canta o dia a dia das pessoas, chamando. Lhes a atenção do mal, mas nunca as ofendendo.

Ele conta, com satisfação, ter atingido o topo dum artista e pode morrer feliz porque já deixou um

«Di'on Ndjindji». Refere-se a um dos seus colaboradores. Este miúdo é um autêntico eu, dá marrabenta original, vai ter um grande nome.

— Agora que vou fazer 50 anos, vou organizar um grande espectáculo. Quero deixar saudades a tudo e a todos. Tenho mais de 107 músicas e apenas 42 estão gravadas; vou ver se gravo a maior parte delas ou mesmo todas. Além disso, quero reorganizar o meu grupo de dança, para espectáculos sérios, não para estes famintos de dinheiro. Trabalhar para o povo — diz, muito emocionado, mais uma vez.

Sobre a música, actualmente. Ndjindji diz que os conjuntos devem preparar-se bem. O que está a acontecer agora é que todos os conjuntos não vão ao espectáculo para apresentar qualidade, vão

para ter dinheiro e o público já não iliga aos espectáculos. Hoje ninguém pode dizer que o artista fulano é bom. Para gravar, eu preparei-me durante nove meses, mas o que se passa agora... não se toma a sério a música, a nossa cultura. Não defendo que se devia tocar apenas marrabenta, mas isto é triste. Todos os grupos tocam música de fora; a cultura está parada. Reclamam muito que não saem, mas como sair, por exemplo, para o Zimbabwe, para ir dar música de lá. Para a América, para ir dar «reggae», «break»? — interroga-se.

A propósito da Associação criada, diz que está esquecido. As pessoas ignoram-me para tomar o meu lugar. Não me convidaram para nenhuma reunião preparatória. Apenas quem me chamou, já para a conferência, foi Awendila.

Mas já é muito bom que haja uma estrutura para lutar pela música.

Fora a música, adora a agricultura. Sou um agricultor frustrado, porque a música está em primeiro lugar, confessa. Faz agricultura, por uma questão hereditária. Já o pai faz a agricultura e sempre o levava ao campo; tal como ele o faz agora aos seus filhos. O dia mais feliz da sua vida aconteceu num espectáculo, no Pavilhão do Sporting, frente a frente dele e o falecido Fany Pumo, no qual, segundo ele, Fany reconheceu que: «Eu era o Rei». O mais triste registou-se em 1976. Foi também num espectáculo, onde havia muitos grupos musicais, era um mini-festival. Quando entrei, o meu braço ficou seco, tive que abandonar o palco... fiquei muito furioso. Desconheci de alguns artistas, só que não vou dizer os nomes.

OS GOSTOS DO «REI»

Dos grupos actuais gosta mais de «L'gad'a La Ntsondzo», «Tambores d'África», «Al'redo Mulhui», Fernando Ch'ure, Avelino Mondlane e outros. Gosta de política. Um músico tem que ser um político, mas não deve cantar apenas política, embora a política seja o melhor lado social das coisas. Gosta da sua própria memória. Canto sem letra e nunca me esqueço das datas.

Adora muito a família. Por isso mesmo, em qualquer espectáculo que dá em Maputo, volta para casa, não dorme. Volta para casa, para Marracuene, — afirma com orgulho.

APESAR DA IDADE, OS SONHOS...

O seu maior sonho era deixar fortuna para os filhos. E vou deixar: 60 hectares. Quem consegue pôr a machamba a trabalhar é muito rico, e acho que morerei também feliz por causa disso.

— Agora, outra coisa que é um sonho também, é voltar a tocar. Quero voltar a tocar aqui em Marracuene, em todos os bairros. Divertir esta gente e já comecei. Todos até estão a gostar.

Sobre as perspectivas da música moçambicana, diz que elas são sombrias: No tempo colonial, ac tuávamos, gravávamos e a pouco e pouco nos lançávamos. Agora, o problema de muitos é ver lançado o seu nome. Como estar lançado, se não há disco no mercado, se não há espectáculos sérios, periódicos, acessíveis ao público? Hoje é difícil por falta de meios. As indústrias de discos não existem. A música só é ouvida de vez em quando na RM. Depois que música? A pessoa ensaia cinco dias e vai gravar. No futebol, para se chegar a sénior trabalha-se muito, mas hoje na música moçambicana isso não acontece. O artista de hoje tem só três músicas e diariamente vai aos espectáculos e o público já não distingue quem é quem. Agora, mesmo aquele que não tem música, só imita, é músico. Tudo é músico.

Nem o jornal todo caberia para uma conversa de cinco horas. Não arrisco a dizer que aqui fica o resumo pois é difícil resumir uma entrevista com uma pessoa que percorreu a música moçambicana. Pelo menos aqui fica uma parte da conversa.

Qual Lisboa...?

Eu é que sou o pai da marrabenta

© Quem contesta o velho músico?

Quando vi aquilo no jornal, nesse dia não jantei. Eu já disse que sou o rei da marrabenta, que a marrabenta é minha, vem de Marracuene e músicos como o falecido Fany Pumo reconheceram, diz-nos Dilon Ndjindji, logo que lhe pelimos um comentário sobre as afirmações, em entrevista ao nosso jornal, de Lisboa Matavele.

Ainda bem, prossegue, que vieram cá, eu já estava para ir ter convosco. Aquilo que escreveram é mentira. Lisboa Matavele nunca dançou marrabenta. Marrabenta vem de «xiromani», dançado em Maxlhavani e Licuacuanine, na região do Matsolo, aqui no distrito de Marracuene.

Em 1945 fui convidado para uma festa em Maxlhavana. «Xiromani», tinha uma variedade de danças e eu tinha a minha forma. E como eu tinha o vício de mulheres, conforme já expliquei, se tentasse conquistar uma menina e me negasse, eu arrebitado, não brinco. No meio juvenil, passei a ser conhecido que não me aceite, havia de me conhecer, pois sou «marrabenta», eu arrebitado, não brinco. No meio juvenil, passei a ser conhecido como marrabenta e a pouco e pouco as pessoas começaram a chamar aquilo que eu dançava «marrabenta», surgindo assim uma dança tradicional chamada marrabenta. Muitos artistas, não só aqui em Marracuene, já declararam que «marrabenta» começou comigo e aqui em Marracuene.

Agora Lisboa Matavele confunde. Diz que inventou a marrabenta em 1960, altura em que ele próprio aprendeu a «oscar». Como é que a terá inventado, se ela já existia em 1945?

Eu conheci-o em 1964, não tocava marrabenta e nunca veio a tocar, tocava, sim, «maga-tsutsa». Esta é que era a dança de Matavele.

O povo de Marracuene não acredita nessa história que ele inventou. O próprio António Dzuwane (Fany Pumo), declarou isto, com a sua música: «A Marracuene kuni king ya marrabenta, mas não podi i lunga» (Em Marracuene há o rei da marrabenta, mas comigo não aguenta). Na altura em que eu e o Dzuwane (Fany) andávamos em rivalidades competitivas, onde é que o Lisboa Matavele estava?

Não estou a falar assim porque o António Dzuwane (Fany Pumo) já não está entre nós. Não estou a buscar a história, mas estou a contar o que vi, o que me aconteceu. A minha vida confunde-se com a história da marrabenta...

Isto não pode acabar assim, porque só por vocês escreverem aí no vosso jornal, as pessoas não podem acreditar. Escreve aí que eu vou pedir para se organizar um espectáculo público só para nós os dois, eu e o Lisboa Matavele, cada um apresentar a sua marrabenta. E ele não pode negar.

Ele é muito meu amigo, mas não podemos brincar com coisas sérias. As pessoas podem dizer o que disserem sobre esta dança, mas a marrabenta é minha. Como vêm que a marrabenta tem fama, todos dizem que fundaram a marrabenta, mas já não explicam claramente a origem. É o mesmo que acontece em relação à música: «Famba ha hombe ka Pulana (Vá em paz à Polana)», não é música de Fany Pumo, já se cantava há muito tempo; «Eliza Mavai wa chanisseca (Eliza Mavai está a sofrer)» não é música de Raul Baza, já se tocava há muito em Marracuene; «Psikelekedani», não é de Armando Mahaja, é minha; «Sangria va lhalá x'timela (Ressano Garcia refere-se ao comboio)», muitos gravaram, mas a música é minha, enfim, umas tantas outras músicas como a marrabenta, já que não há direitos de autor, a confusão é esta...

Agora, a marrabenta arrastou-se até Lourenço Marques quer através de residentes daqui que se deslocavam até lá, quer através dos de lá que vinham até aqui.

Mas, sinceramente, que não esperava que fosse o Lisboa Matavele a fazer uma coisa destas... mas é assim e temos que tomar as coisas a sério.

Contudo, quem quiser ocupar o lugar de rei da marrabenta que venha discutir com a população de Marracuene, pois ela reconhece um só: Dilon Ndjindji.

